



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

EX-VOTO: O RITUAL DA CORPOREIDADE

Rodrigo Reis Leite²

RESUMO

O presente artigo traça brevemente a construção conceitual do ex-voto como uma prática religiosa que proporciona uma representação do corpo, tendo como referência a noção de pertencimento. Para a compreensão do ex-votismo é preciso evitar reducionismos religiosos e/ou socioculturais, mostrando que a compreensão da noção de pertencimento nessa prática está imbricada com os discursos, com a lógica da vida e os modos pelos quais os sujeitos se organizam e se vêem dentro da sociedade. O ex-votismo é nitidamente uma separação e ao mesmo tempo uma passagem de uma condição para outra dentro de um grupo social. Seu estudo antropológico é também um estudo

do corpo, e se constitui especialmente em uma interpretação da corporeidade humana como fenômeno social, cultural e simbólico. As subjetividades e os dramas do praticante formam o texto desse discurso que é a prática ex-votiva. Corpo-imagem, o ex-voto é transformado, moldado, modificado, resignificado, esculpido, pintado, modulado conforme as habilidades, necessidades e possibilidades do praticante.

PALAVRAS-CHAVE

Ex-voto. Corpo. Pertencimento. Performance. Comunicação. Subjetividade.

ABSTRACT

This article briefly outlines the conceptual construction of ex-voto as a religious practice that provides a representation of the body, with reference to the notion of belonging. For understanding the ex-votes we must avoid reductionism religious and/or sociocultural, showing that the understanding of the notion of this practice is related to the speeches, with the logic of life and the ways in which individuals organize and find themselves within society. The ex-votes is clearly a separation and at the same time a transition from one condition to another within a social group. Its anthropological study is also a study of the body, and is especially an interpretation of human under corporeality as a social, cultural and symbolic phenomenon. The subjectivities and dramas of practitioner form the text of this speech is that the practice ex-votive. Body-image, ex-voto is transformed, framed, modified, carved, painted, modulated as the skills, needs and possibilities of the practitioner.

KEYWORDS

Ex-voto. Body. Belonging. Performance. Communication. Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo procura discutir brevemente a construção conceitual do ex-voto como uma prática religiosa que proporciona uma representação do corpo tendo como referência a noção de pertencimento e certos fundamentos formadores da idéia de identidade e comunicação.

Afirma-se de início que a prática de agradecimento através de um objeto/imagem – um ex-voto – pode referenciar o enraizamento do sujeito social e desta-

RESUMEN

Este artículo describe brevemente la construcción conceptual de la ex-voto como práctica religiosa que proporciona una representación del cuerpo, con referencia a la noción de pertenencia. Para entender la antigua votismo debe evitar el reduccionismo religioso y / o sociocultural, que muestra que la comprensión de la noción de que esta práctica está imbricado con discursos, con la lógica de la vida y las formas en que las personas organizan y encuentran dentro de la sociedad. La primera es claramente una separación votismo mientras que un pasaje de un estado a otro dentro de un grupo social. Su estudio antropológico es también un estudio del cuerpo, y es especialmente una interpretación de la corporeidad humana como sociales, culturales y simbólicos. Subjectividades y los dramas de la forma profesional el texto de este discurso es que la práctica ex-votiva. Cuerpo-imagen, el ex-voto se transforma, en forma, modificado, tallado, pintado, modulada según las capacidades, necesidades y posibilidades del practicante.

PALABRAS CLAVE

Cuerpo. Pertenece. El Rendimiento. La Comunicación. La Subjectividad.

car a qualidade própria desse mesmo sujeito enquanto agente (praticante) que se inclui em relações de pertencimento sem perder, contudo, sua identidade particular, sua noção de Eu, trabalhando simultaneamente a individualidade, o pertencimento societário e a comunicação. Cabe aqui uma máxima importante que guia o presente artigo:

A meu ver, o etnógrafo não percebe – principalmente não é capaz de perceber – aquilo que seus informan-

tes percebem. O que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é o “com que”, ou “por meios de que”, ou “através de que” (ou seja, lá qual for a expressão) os outros percebem. [...] como as pessoas [...] se definem como pessoas [...] a idéia que elas tem do que é um “eu. (GEERTZ, 1997, p. 89)

Para a compreensão do ex-votismo é preciso evitar qualquer tipo reducionismo religioso e/ou sociocultural, quando se tratar de distinguir na natureza humana toda sua dimensão religiosa e social, mostrando que a compreensão da noção de pertencimento nessa prática está imbricada com os discursos, com a lógica prática da vida e com os modos pelos quais os sujeitos se organizam e se vêem culturalmente dentro da sociedade.

Nesse ínterim, o princípio do pertencimento propõe a questão da subjetividade como uma dimensão inerente do e para o conhecimento dos sujeitos, e que considerá-la não é uma opção, mas uma condição para um estudo que tenha o ex-voto como objeto comunicador e compatível com as ações simbólicas do homem, bem como, da interpretação dessas mesmas ações, muitas vezes percebidas como práticas marginais que como afirma Victor Turner (1974, p. 158) *geram os mitos, símbolos rituais, sistemas filosóficos e obras de arte.*

Como prática o ex-votismo é nitidamente uma separação e ao mesmo tempo uma passagem de uma condição para outra dentro de um grupo social. Segundo Van Gennep (1978, p 25) “em nossas sociedades modernas só há separação um pouco nítida entre a sociedade leiga e a sociedade religiosa, entre o profano e o sagrado”. O ex-voto seria uma espécie de afirmação da incompatibilidade entre o mundo profano e o mundo sagrado, um estágio intermediário entre esses mundos, onde a mudança de uma posição para outra está sustentada na superação de um problema através de uma graça recebida. Essa assertiva é muito importante para a continuidade do presente trabalho, pois, os ex-votos são objetos tradicionais do culto católico feitos para agradecer ao Santo de devoção do

praticante por uma graça recebida. Trata-se de uma prática penitencial, de retribuição e fé, onde problemas humanos considerados insolúveis na vida finita e cotidiana são resolvidos e superados pela intervenção de uma entidade superior através do milagre.

Eles podem assumir a forma de pinturas (imagens), inscrições ou órgãos de cera, madeira, gesso, etc. [...] que se oferece e se expõe numa capela em comemoração por um voto ou promessas cumpridas, em memória de graça obtida, retribuição, agradecimento por qualquer intervenção miraculosa. (CASCUDO. 1973, p. 4)

Etimologicamente, ex-voto significa “por voto”, por promessa, representado por um objeto, pintado, esculpido, fotografado, escrito, etc. Será sempre um pagamento desta graça e nunca o seu pedido. Seu primeiro motivo está ligado às necessidades da vida cotidiana e também às exigências mágico-religiosas e de aproximação do homem com a entidade superior. O uso mágico-religioso põe em relevo sua importância como sendo um elemento canalizador de forças religiosas desenvolvidas pelo homem em contato com sua religião e impulsionadas pela sua fé. Como testemunho de uma graça o ex-voto afirma seu poder de comunicação. O que ele comunica? Ações expressivas que funcionam como sinais, signos e símbolos. Entre outras coisas, a superação dos males vividos, os dramas sociais, as características culturais de um grupo, a subjetividade de um sujeito. Leach (1976: 19) “afirma que a comunicação é um processo contínuo e complexo, com componentes não verbais”. A interpretação desses componentes não verbais é importante para a compreensão da prática ex-votiva e suas diversas ações. Segundo Edmund Leach (1976, p. 18) “o maior problema é determinar até que ponto o ‘sentido’ transmitido ao receptor se mantém igual ao que o emissor pretendia transmitir”.

Ainda seguindo algumas das premissas de Edmund Leach (1976, p. 19) percebemos que na prática ex-votiva duas ações se destacam: “as ações técnicas, que modificam o estado físico do mundo exterior – por exemplo, fazer um buraco no solo, cozer um ovo;” no

caso dos ex-votos a concepção de um objeto e seu depósito em lugar determinado. As “ações expressivas, que dizem simplesmente algo sobre o estudo do mundo, tal como se apresenta, ou tem por objetivo alterá-lo através de meios metafísicos;” na prática ex-votiva a comprovação da graça recebida por intervenção de uma força sobrenatural.

A prática do ex-voto pode ser classificada – aqui fazendo uso de alguns conceitos de Van Gennep – como um rito simpático, animista, positivo e indireto. Simpático, pois, se fundamentam na crença da ação de semelhante sobre semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo, da parte sobre o todo, do simulacro sobre o objeto ou o ser real, da palavra sobre o ato. Animista, pois, está em contato direto com os elementos do cosmo, da natureza, dos seres vivos e dos fenômenos naturais. O termo **Animismo** foi criado pelo antropólogo inglês Sir Edward B. Tylor, em 1871, na obra *Primitive Culture*.¹ Ainda segundo uma interpretação, aqui proposta, dos estudos de Tylor podemos afirmar que os ex-votos são **antropocêntricos** – humanizado – e **teocêntrico** – espiritualizado –, consequentemente, todos esses elementos são passíveis de possuírem: consciência, sentimentos, emoções, vontades, desejos ou mesmo inteligência. Os ex-votos são ainda ritos indiretos e positivos. Indiretos – que agem de forma indireta – pois, precisam de uma intervenção de uma potência, uma divindade que atua em proveito de quem realizou o rito, o voto, a oração, o culto. Na prática ex-votiva o rito, o voto, a oração, o culto e a graça recebida são representados e simbolizados por um objeto-imagem concebido e depositado pelo praticante em um local considerado “sagrado”, ou adicado, após uma série de etapas ritualizadas e com certa autonomia entre elas: o pedido, as orações, as penitências, etc. Nesse momento, a técnica e a criatividade – inerências do fazer artístico – se fazem presente. Os ex-votos são

ainda positivos, pois, são volições traduzidas em atos por força de uma vontade.

Esses objetos trazem em suas formas os traços, as marcas e os sinais dos males ocorridos com o praticante. Fazendo uso das teorias de Gennep e possível identificá-los como “atos de um gênero especial, ligados a certa tendência de sensibilidade e a determinada orientação mental.” (Van Gennep, 1978. p. 156). Trata-se de um objeto simbólico que favorece a compreensão do imaginário de uma comunidade, muito embora, seja ao mesmo tempo uma prática que respeita o anonimato. Toda via, deixando a vista às marcas e motivações do praticante esse mesmo anonimato, no entanto, protege a identidade da pessoa, ao mesmo tempo em que deixa pública a causa, ou causas, que levou o indivíduo a cumprir seu compromisso com seu Santo de sua devoção.

A partir do momento em que o Ex-Voto é colocado no local de depósito, servirá à antropologia, pois esse corpo-imagem torna-se um relato acessível a todos os observadores como testemunho de uma ação humana, localizada em um espaço e um tempo, e da vontade de um sujeito em mudar, resistir e continuar vivendo. Esforço necessário para a vida em grupo e só possível se respeitada a subjetividade do sujeito.

Viver é continuamente desagregar-se e reconstruir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. (VAN GENNEP, 1978. p 157)

1 Para maiores informações ver: Tylor, Edward Burnett (1832). “Internet Archive”. *Encyclopædia Britannica* (XI edição) Volume XXVII. New York: Encyclopædia Britannica. pág. 498. Visitado em 04-12-2011.

2 RITUAL DA CORPOREIDADE

Antes de qualquer coisa, um estudo antropológico do ex-votismo é também um do corpo, e se constitui especialmente em uma compreensão/interpretação da corporeidade humana como fenômeno social, cultural e simbólico, onde é possível observar as representações e os imaginários dentro de cada grupo social. Trata-se do estudo do espaço ocupado pelo sujeito dentro do seu meio social; estudo que favorece a interação entre as ações que determinam a vida cotidiana, o desempenho do sujeito/ator em sociedade, sua inserção e a forma como se processa e evidencia sua relação com, e dentro do seu grupo social.

Outro sim, diz respeito ao papel mediador e semântico da corporeidade, suas significações e construções; o próprio ato de viver e todas as passagens sucessivas dentro de uma sociedade. Como afirmou van Gennep (1978, p. 26):

Toda alteração na situação de um indivíduo implica ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano.

Essas ações e reações podem ser observadas no corpo, pois, ele é o simulacro do sujeito. Se no espírito que ocorre a grande mudança do sujeito, é na forma física que se evidencia o testemunho dessa mudança e o processo criativo no ex-voto.

Aplicada ao corpo, a antropologia dedica-se a interpretação e compreensão das práticas sociais e culturais que determinam os movimentos dos indivíduos, suas mudanças. Segundo Gennep (1978, p. 27) “o indivíduo se modifica, porque tem atrás de si várias etapas e atravessou diversas fronteiras”. Podemos perceber no corpo essas várias etapas. No corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva, os ritmos que afetam a vida humana. Para Le Breton (2010, p. 7):

o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimônias dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc.

Como representação do corpo em seus diversos usos os ex-votos dependem igualmente de um conjunto de sistemas simbólicos. O ex-voto assume a função de corpo se apropriando da substância da vida de certo ator social, seus dramas, infortúnios, traduzindo-a de modo a propiciar uma interação com os outros sujeitos sociais, servindo-se dos sistemas simbólicos com os quais o praticante compartilha com os outros membros da sua comunidade. Nesse universo de ritos são compartilhadas as diversas experiências dos sujeitos carregadas de sentidos, valores e subjetividades, próprios das referências culturais existentes dentro do grupo. Um repertório de gestos e rituais corporais que implicam e tem a necessidade de uma adesão dos outros atores sociais.

Como corpo objetificado os ex-votos inserem o homem no interior de um espaço social e cultural determinado pela relação com o sagrado. Ao realizar a ação simbólica que justifica a prática ex-votiva – ou seja, os rituais que culminam na criação e no depósito de uma imagem – o ator-praticante se dispõe dentro do campo simbólico através da relação com os outros, seu corpo está inscrito em uma dimensão diferente dentro de uma estrutura característica do seu grupo de pertencimento. O indivíduo agrega-se e resignifica sua realidade dentro da sociedade da qual faz parte, ao mesmo tempo em que passa a fazer parte de um grupo distinto dentro dessa sociedade.

O que observamos na prática do ex-voto é uma socialização da experiência humana espiritual, tanto quanto, corporal resultante do papel social do indivíduo, sua performance, cujas características sociais

podem ser diferenciadas, mas independente disso ocupa uma posição que lhe é própria nos jogos e nos dramas que caracterizam sua relação com a comunidade na qual está inserido.

Os efeitos e gestos do praticante estão envolvidos pelo padrão cultural (ethos) que suscita as formas de sua sensibilidade, a gestualidade, às atividades perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação como o mundo e com os outros. Essa performance situa o indivíduo, determina sua missão e da as coordenadas da sua personalidade e da idéia de “eu” que esse sujeito possui. Nesse processo de socialização através da prática do ex-voto, o corpo existe graças as identificações e intenções do ator, bem como, ao imaginário social do grupo ao qual pertence. Faz-se necessário então:

Compreender os meios semióticos através dos quais as pessoas se definem e são definidas pelas outras. Uma espécie de círculo hermenêutico, onde entender a forma e a força da vida interior d: Um círculo hermenêutico, onde entender a forma e a força da vida interior de um sujeito parece-se mais como compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada, interpretar um poema, do que com conseguir uma comunhão de espíritos. (GEERTZ, 1997, p. 105 – 107)

A expressão e representação corporal em uma peça ex-votiva é socialmente imutável, pois é concebida de acordo com o estilo particular escolhido pelo sujeito durante seu processo de concepção do objeto; sua mensagem não pode ser alterada. É algo particular – mesmo quando o objeto é fabricado, produzido por outra pessoa – no qual a criatividade artística contribui para a representação da graça recebida, dando ao corpo – imagem objetificada – a importância social que ele necessita para a inserção do praticante como ator do seu grupo de pertencimento. No interior da sua comunidade a manifestação através do ex-voto torna-se significativa aos olhos dos membros do grupo somente quando relacionados ao conjunto de informações simbólicas inerentes ao grupo de praticantes.

O corpo no ex-voto funciona como símbolo de união e resistência contra valores e situações negativas. Um corpo que representa um conflito, uma dificuldade superada; um corpo que simboliza uma graça, que representa um ato de fé e que projeta e aprisiona um infortúnio. Extensão e aparência de um corpo vivo, imaginação e criatividade impulsionadas por uma dor, por um desespero, uma dificuldade; uma fé introspectiva em meio a um ritual público, social; um alter ego, um testemunho.

3 EX-VOTO SEUS TEXTOS E INTERTEXTOS

As subjetividades e os dramas do praticante formam o texto desse discurso que é a prática ex-votiva e o objeto que a representa e substancia: o ex-voto. O praticante é o sujeito e sua experiência de vida, uma complexa interligação de acontecimentos transmitidos, uma cultura comunicada pela prática que informa aos outros membros da comunidade que participam como observadores do processo. O que é informado? A superioridade do sagrado sobre o profano.

O ex-voto é o resultado artístico-material da somatória dos intertextos do praticante. É o corpo interdito, o sujeito suposto, oculto, dramatizado, seu material semântico, a margem entre a dor e a cura, entre o estado humano e o mundo sobrenatural, novamente o sagrado e profano. Partindo desses pressupostos, o corpo-imagem – o ex-voto – é uma representação dualista que permite uma análise do “eu” de um indivíduo fora do seu ser físico, concreto. O ex-voto propõe a existência do corpo fora do próprio sujeito/ator, onde esse mesmo ator se torna também um observador.

No presente momento histórico observamos o fortalecimento da individualidade, a crise de significação e dos costumes que deturpam as relações sociais. Os sujeitos passam a viver em meio a uma busca constante por novas ideologias, novos valores que legitimem a existência em grupo, que vá de encontro ao provisório e que fortaleça o enraizamento social. O corpo, como diria Le Breton (2010, p. 10), “é fronteira, o limite que, de alguma forma distingue os sujeitos. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator.” Para Durkheim, o corpo é um fator de “individualização”. O lugar e o tempo do limite, da separação.

Nesse ínterim, o ex-voto se torna a passagem entre um estado de busca individual de uma solução de um drama – que mesmo sendo particular tem sua origem no meio social e, por sua vez, é comprovadamente reflexo desse mesmo meio – para a comprovação da solução desse mesmo drama. O drama une, a dor une, a subjetividade une, a fé une, e a arte substancia, formaliza a representação da graça recebida pelo sujeito-praticante.

Mas os textos são estruturas reais no desenvolvimento da prática.

A relação do corpo com o objeto ex-votivo não está apenas na representação formal, mas também nos textos e orações das quais o praticante faz uso. Nas inscrições ex-votivas encontramos diversas formas de expressão, porém, em meio a toda variedade alguns termos são utilizados com mais frequência. Certas as palavras se repetem constantemente, pois fazem parte do imaginário dos praticantes e sempre estão presentes em seus textos. O objeto ex-votivo é, portanto acompanhado de textos que orientam a interpretação, sejam eles escritos ou orais: cartas, orações, cantos etc.

Os textos servem muitas vezes para inferir significação à difícil interpretação de algumas peças quanto aos motivos que levaram o ator a realizar a prática,

ou mesmo organizando a desordem aparente, ou ainda de encontrar as lógicas sociais e culturais que envolvem todo o processo. Esses textos apresentam os intertextos, a manifestação de abordagens que levam em consideração, sob diversas perspectivas, as modalidades físicas, espirituais, sociais e religiosas da relação do ator com o meio social e cultural que o cerca.

Mas, nem sempre esses textos deixam claro sua autoria. Outros vão além da causa, do infortúnio que levou o praticante a fazer a promessa. Esses textos geralmente pedem graças a mais de uma pessoa e funcionam como uma homenagem e um tipo de ex-voto coletivo. Em das inscrições estudadas *Oração a santa Josefina Bakhita* podemos observar um exemplo desse tipo em particular.

Escrito em quatro pequenos parágrafos o texto é parte constituinte de um ex-voto feito por cinco devotos para homenagear a santa, ao mesmo tempo em que ele é colocado como objeto de agradecimento para que outras pessoas possam utilizar e fazer cumprir seus pedidos. É um ex-voto único, pois, mantém sua temporalidade e cria a possibilidade e inteligência entre a santa, seus devotos e outros tantos praticantes.

No primeiro parágrafo é pedida proteção e atenção da santa, *olha por nós* é a expressão utilizada, mas poderia ser *olhai por nós, rogai por nós, protege-nos*, etc. no segundo parágrafo os autores perdem a intercessão da santa junto a Deus (no texto a palavra Deus é substituída pelo termo senhor comumente utilizado nos textos que acompanham outras peças). No terceiro parágrafo pede-se pela boa conduta dos praticantes a exemplo da santa cujas práticas a investiram de virtudes. No quarto parágrafo pede-se a santa que ela interceda junto ao *Pai do Céu* fazendo os pedidos de interesse dos praticantes e em especial a graça que os levaram ao cumprimento da promessa.

A peça *Oração a santa Josefina Bakhita* é ao mesmo tempo um ex-voto de homenagem e uma peça de oração e de pedidos para outros prováveis praticantes.

Na prática do ex-voto são comuns os pedidos de ajuda para os familiares. Parece que o desejo de ver a família feliz, saudável e unida é umas das premissas mais importantes para o praticante. As propriedades que os conectam esses textos uns aos outros estão diretamente relacionadas às causas sociais: saúde, emprego, segurança, etc.

A crise da modernidade, com a desagregação dos sujeitos, passa pelas condições psicológica e de saúde das famílias, além de estabilidade/instabilidade profissional dos sujeitos que a compõem. O desejo que cada indivíduo possui de está em uma família unida, equilibrada, além de possuir boas condições financeiras para a realização das suas necessidades é preeminente em um mundo onde as relações sociais cada vez mais de desintegram.

Quando a família não protege, quando o estado não cumpre o seu papel, os praticantes se misturam em reciprocidades de ações impulsionadas por esses mesmos atores que reagem aos seus infortúnios e aos problemas sociais se utilizando dos seus jogos, dramas e inscrições através dos sentidos.

A explicação interpretativa [...] concentra-se no significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes [...] têm para seus "proprietários" [...] esforço para formular conceitos que explicam como este ou aquele povo, este ou aquele período, esta ou aquela pessoa, fazem sentido para si mesmos [...] a investigação é orientada para casos, ou grupos de casos, e para os traços particulares que os distinguem uns dos outros [...] com que materiais é feita a experiência humana. (GEERTZ, 1997, p. 37)

O corpo passa a ser o espaço do drama, do teatro, dos textos e intertextos que personificam o indivíduo. O corpo ex-voto é o reflexo dos processos de vida que o cercam. As representações desse corpo são representações da pessoa que o concebeu, seus sonhos realizados, seus desejos obtidos e suas frustrações superadas. Uma evidência inequívoca resultante de uma condição social e cultural.

Segundo Le Breton (2010: 29) o corpo é uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. Essa designação do corpo pode ser aplicada ao ex-voto – sua designação objetiva –, já que é possível encontrar e traduzir um fato do imaginário social ao qual pertence o praticante, sua história de vida.

Mas como esse corpo pode ser traduzido?

O corpo-ex-voto é um corpo repartido. A cabeça – e sua força de expressão, o rosto – é o lugar que possui mais simbolismos, a parte do corpo com mais possibilidade de descortinar-se a idéia de Eu. Sua importância está alicerçada na sensação de que a apreensão da identidade é maior nessa parte do corpo, pois, o ser inteiro aí está representado.

Nesse caso, o corpo passa ser visto como outro diferente do sujeito que o concebeu. O fato, contudo, é que o ex-voto age como uma espécie de decomposição do corpo em peças separadas, que inevitavelmente serão submetidas à razão analítica, seja de um observador curioso, ou de cientista social munido de cientificidade.

Quando decomposto o ex-voto apresenta-se como um alter ego do seu praticante, uma manifestação do sujeito, porém, sem ser mais esse sujeito. Ao mesmo tempo em que passa a ser um objeto de valor para um estudo dos atores sociais e suas relações, o ex-voto é também repositório de imaginários, de ligações associativas e de lógicas sociais que só é possível compreender através da leitura e interpretação das ações liminares e da iconografia.

Espelho das ações sociais, o ex-voto é concreto enquanto objeto, mas ficcional enquanto texto. Semântica das ações e dos significados, motivo de diversas interpretações e desempenhos pelas várias práticas e discursos que propicia; intelectual e dialógico. Nesse contexto, o ex-voto é um objeto privilegiado para evidenciar os imaginários sociais, as performances dos

sujeitos, sua subjetividade, cuja elucidação é o objetivo do antropólogo, quando se trata de interpretar os fenômenos sociais na contemporaneidade.

Mas é preciso saber se aquilo que constitui a semelhança entre o objeto e o sujeito – seu infortúnio, sua subjetividade – que o concebeu, ou que transmitiu ao seu criador – um artista ou artesão – as informações necessárias para a fabricação da peça, tem alguma relação com as práticas simbólicas, o imaginário, as condições sociais e o pertencimento social e cultural do ator. Muitas vezes a única abordagem interpretativa a disposição é a extensão do olhar pouco intelectual e em quase nada científico do objeto quando no primeiro momento em que o observado se preocupa descortinar os sinais das relações sociais por trás do objeto.

No ex-voto a problemática da vida é substituída por um corpo objetificado a luz da fé, da técnica e das margens que perscrutam todos os rituais sociais. Um imperativo de agradecimento impõe ao ator-praticante, as práticas religiosas da sua comunidade e sua experiência de vida – vida em sociedade – determinado em definitivo sua relação com seu santo protetor e sua comunidade de acordo com os jogos e marcas sociais característicos da sua comunidade.

O praticante descobre através do ex-voto uma forma possível de transcendência pessoal e de contato com algo que lhe superior. Seu corpo é o um alter ego que o representará diante da sua comunidade sem, contudo, impedir que sua vida prossiga normalmente. O corpo-imagem se transforma no lugar estético-simbólico da reconquista de si, da superação das dores e dos infortúnios, talvez até mesmo da própria morte. Corpo-imagem que pode ser transformado em objeto moldado, modificado, resignificado, esculpido, pintado, modulado conforme as habilidades, necessidades e possibilidades do praticante; o corpo-imagem que equivale ao seu praticante, que potencializa uma esperança, uma graça recebida, quiçá um fundamento de que, se modificando a realidade vivida, o próprio

homem seja também modificado. Corpo-imagem psicologizado, lugar da graça obtida, do símbolo e das pertenças.

A prática do ex-voto atua como uma espécie de resistência contra a perda dos referenciais de sentidos, de valores e de enraizamento social. O provisório não faz parte do ex-voto, que quer ser um compromisso social e espiritual para toda a vida. O praticante se autorepresenta, procurando no contato com o mundo sobrenatural o que antes procurava no sistema social no qual a sua existência se inscrevia. A procura de sentidos é a inscrição dos intertextos que o personificam enquanto indivíduo. Cada ator procura responder a sua maneira à questão da significação e do valor da sua existência. A resposta a esse drama é obtida particularmente por meio da fé e se traduz por meio dos recursos criativos do sujeito.

Quando o estado é incompetente em sua função de organização e orientação da existência em sociedade, resta interrogar a si mesmo para saber se viver em grupo faz algum sentido. Somente o eu interrogado simbolicamente, como se fosse um alter ego, pode expressar os valores sociais e legitimar existência dentro de um grupo social. Ele é o significante e o significado semântico gerador de sentido e de valor espiritual e social quando o estado e a ordem social estão ausentes.

O corpo-ex-voto é assim um complemento do praticante que deve ser afastado do indivíduo, cujo estatuto é profano, para servir de testemunho do sagrado. Um corpo objetificado, margem dos rituais sociais, obstinação espiritual, a luta contra a condição humana diante da morte; uma confrontação a situação social desfavorável. Um eco do homem que não abandonou sua esperança e se faz ouvir. Um indivíduo que presta testemunho da graça recebida através de um corpo promovido a imagem, um indivíduo que sabe que é membro de um grupo social repleto de rituais e de símbolos que ele mesmo muitas vezes não reconhece e não sabe explicar. Uma pertença e um paradigma.

4 CONCLUSÃO

O princípio do pertencimento traz em seu bojo a questão da subjetividade como uma dimensão intrínseca do e para o conhecimento, e que integrá-la é condição para um conhecimento das práticas sociais dos ex-votos que, se sabe, pertencente e se quer compatível com as ações simbólicas do homem, bem como da interpretação das mesmas.

A antropologia deve dedicar-se a interpretação metódica das modalidades corporais e dos mecanismos sociais em uso nas diferentes sociedades, distinguir as formas e as significações, as vias de comunicação. Vislumbrar também entre os grupos novas emergências de gestos, de ações, de posturas, de práticas sociais e de pertencimentos. Inventariar as representações do corpo que, hoje, perscrutam o imaginário os grupos, explicando as lógicas sociais e culturais que atravessam os usos dado ao corpo em sua dimensão simbólica, sua concepção sensorial, emocional substanciadas pela relação ente o sagrado e o profano. Esclarecer as novas modalidades sociais e culturais e suas relações com o corpo, a noção de pertencimento e a relação dos sujeitos com o mundo.

O estudo da prática do ex-voto proporciona uma nova observação das performances dos atores sociais, pois, se localiza dentro de um grupo social maior sem, contudo, separar-se desse grupo. Não deixa de ser uma sociedade especial organizada sob bases mágico-religiosas, porém, na prática do ex-voto o conceito de civilização não é uma questão de grau, mas de pertencimento a um grupo onde estar na margem é uma condição mais espiritual do que social.

Uma posição aqui se considerou como regra: a incompatibilidade entre o profano e o sagrado cria um estágio intermediário entre os dois universos. O ex-voto é um deles.

Em sociedades individualistas como a moderna, cada vez mais, o corpo se apresenta como o elemento que determina os limites do sujeito, elemento que demarca a presença do indivíduo, sua performance social, e que ao mesmo tempo isola e dá fisionomia a pessoa. Essa individualização do sujeito, que separado por valores e culturas próprias ver sua condição corpórea funcionar como uma fronteira que o particulariza diante dos outros, é também uma condição para que a prática do ex-voto sobreviva. Isso é possível, pois, o ex-voto é um corpo representativo do lugar do sujeito em seu grupo social, da sua identidade e das suas subjetividades.

O ex-voto é uma representação ficcional do corpo de um sujeito; uma representação eficiente e plenamente associada do ator. Ficcional, pois logicamente não é um corpo em estado natural, mas uma compreensão de um drama social através dos sentidos – um objeto de arte inconsciente – que vislumbra a relação do indivíduo com seus dramas (dores, doenças, problemas sociais, etc.). Um vislumbre que só é possível através da passagem que se estende do mundo das coisas profanas aos das coisas sagradas por meio de ritos e ações marginais.

Um objeto de agradecimento é um produto de técnicas e representações. Com sua presença física o ex-voto perturba a regularidade da comunicação, observação e representação do corpo como fato social do eu como manifestação psicológica. Ao representar a dores dos praticantes, os ex-votos atribuem e comunicam um novo valor e significado ao corpo, segundo a história e pertencimento social de cada grupo.

O corpo-ex-voto e a metáfora do social e o mesmo social metaforiza o ex-voto. No interior do corpo-ex-voto observamos as relações sociais e culturais que se desenvolvem, ou se desenvolveram na sociedade na qual esse corpo atua. Corpo-imagem psicologizado, lugar da graça obtida, do símbolo e das pertencas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Souza. **Arte, folclore, subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paralelo/NEC/INL, 1971.
- BOURDIEU, LP. **A economia das trocas simbólicas**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. pp.69-70.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973. (Terra Brasilis).
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. [tradução: Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência da religião**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 78.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local; novos ensaios em antropologia interpretativa**. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997. p. 89.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GENNEP, A. V. Classificação dos ritos. In: **Os ritos de passagem**. Petrópolis. Editora Vozes, 1978.
- LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação**. Rio de Janeiro. Edições 70, 1976.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Trad. De Sonia M. S, Fuhrmann. 4. Ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A eficácia simbólica”. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 214-225.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “O feiticeiro e sua magia”. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEIRA, José Cláudio Alves. **Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e artes**. Salvador, 1995. 112 p. f. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia.
- TURNER, Victor. **O Processo ritual**. Petrópolis: Ed Vozes, 1974.
- VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de milagres: um estudo sobre a arte genuína**. Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, 1965. p. 95-101.

Recebido em: 17 de junho de 2013
Avaliado em: 30 de junho de 2013
Aceito em: 15 de julho de 2013

1 Rodrigo Reis Leite é Professor de História, Mestre em Antropologia e Artista Plástico. Trabalha na Universidade Tiradentes e desenvolve pesquisas nas áreas de antropologia visual, estética e história da arte.